Cerimônia que deu o nome do cientista à Biblioteca Central é marcada por lágrimas de emoção e não pela perda

Unicamp recompõe 'universo' de Lattes

Fotos: Antoninho Perri/Neldo Cantanti/Acervo pessoal

Auditório lotado: festa desperta sentimentos que eram caros a Lattes

As Marias Lúcia, Carolina, Teresa e Cristina: como se o pai estivesse ali

A cantora Elisabeth e o quinteto de cordas: as músicas preferidas

Cerimônia no IFGW: Lattes também tem seu nome em laboratório

O neto Tomás, em primeiro plano: o nome Lattes no registro acadêmico

ÁLVARO KASSAB
kassab@reitoria.unicamp.br

Foi uma homenagem bonita, emocionante, carregada de um forte componente simbólico. Pode-se afirmar, a julgar pelos depoimentos, que houve uma relação de troca em que as duas partes saíram satisfeitas. De um lado, a família do físico Cesar Lattes, que doou à Universidade o acervo pessoal do cientista; do outro, a Unicamp, que não só passa a abrigar documentos, livros e objetos do cientista, como deu à Biblioteca Central (BC) o nome do professor que nela atuou durante 17 anos (1969-1986).

> "Papai deve estar gostando muito"

A data, 8 de março, tinha tudo para ser lembrada de outra maneira. Afinal, completava-se exatamente um ano da morte do físico. A lacuna da perda, entretanto, foi preenchida por uma seqüência de episódios ricos em emoção. Houve até quem arriscasse um palpite: a festa despertou sentimentos que seriam caros a Lattes. A atmosfera, não menos. A manhã quase outonal – brisa e céu azul – trazia com ela o onírico, a generosidade e o despojamento.

O clima efusivo já podia ser sentido no café da manhã que antecedeu a sessão que lotou o auditório da (ainda) Biblioteca Central. Reencontros, abraços calorosos, relatos de passagens guardadas na memória. Tudo conspirava a favor da harmonia. A presença dos netos de Lattes enchia o salão de alegria, de um frescor que certamente cairia no gosto do cientista. As filhas do físico – Maria Carolina, Maria Lúcia, Maria Cristina e Maria Teresa – não conseguiam esconder a ansiedade. "Não vejo a hora de reencontrar o escritório", admitiu Maria Teresa.

A caçula de Lattes estava se referindo à reconstituição do escritório do pai, cujos livros e pertences foram alojados no terceiro andar do prédio. Nos bastidores, funcionários do Arquivo Central do Sistema de Arquivos (Siarq) e do Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU) corriam para dar os últimos retoques na arrumação. Pelas contas de Teresa Cristina Nonato de Carvalho, diretora de Coleções Especiais e Obras Raras, 1.830 livros da biblioteca de Lattes estavam dispostos nas prateleiras contíguas ao escritório reconstituído. Já para a equipe de Neire do Rossio Martins, diretora do Siarq, o trabalho começara em agosto do ano passado, quando começaram a chegar os primeiros documentos doados pela família. Segundo Neire, a reprodução do gabinete de trabalho do cientista consumiu cerca de um mês.

Martha e Cesar Lattes: harmonia e despojamento transferidos para a festa

No auditório – A exibição de um filme produzido pela TV Unicamp marcou a abertura da cerimônia de entrega do acervo. Maria Carolina Lattes, filha mais velha do cientista, a quem coube a assinatura do termo de doação, lembrou dois aspectos da personalidade do pai: o patriotismo e o fato de ele considerar-se, antes de tudo, um professor. "Seus pertences não poderiam estar num local mais adequado, acessível a todos os alunos. Nossa intenção era perpetuar não apenas a memória científica, mas também a afetiva".

Depois de lembrar que "Cesar Lattes colocou o Brasil no mapa do cenário científico internacional", o reitor José Tadeu Jorge destacou o papel seminal do cientista na área da Física e na formação de instituições, entre as quais o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), o CNPq e a própria Unicamp, com a qual, na opinião do professor, Lattes teve uma relação cujos vínculos de pioneirismo e afetivos foram muito significativos, extrapolando o campo profissional.

Um carinho expresso no gesto de desprendimento da família ao doar os pertences do cientista. "Nada mais justo, portanto, do que colocar o nome do professor Cesar Lattes no coração da Universidade, que é a biblioteca, mais emblematicamente representada pela Biblioteca Central. Trata-se de um local que representa todas as funções vitais da Universidade. Aqui, o conhecimento é organizado e disseminado".

O reitor lembrou ainda que, em 1991, nas comemorações dos 25 anos da Unicamp, uma carta escrita por Lattes foi colocada numa urna lacrada e depositada na BC. A urna será aberta no centenário da universidade, em 2066. "A carta deixada por ele está em sua própria casa, já que este prédio passa agora a se chamar Biblioteca Central Cesar Lattes. A reconstituição de seu escritório é um exemplo que deve inspirar os jovens afeitos à pesquisa e à geração do conhecimento".

Tadeu Jorge mencionou, no final do seu discurso, o sentido premonitório de uma crônica na qual o jornalista Eustáquio Gomes relatava um sonho que tivera exatamente seis meses antes da morte do físico. Intitulado "Lattes no interior do sonho", o texto revela passagens vivenciadas pelo cientista, terminando assim. "*Sonho. O físico Cesar Lattes acaba de morrer. Estou diante dele numa sala onde há outras pessoas. Lattes parece radiante com sua nova situação: está morto e continua vivo. A rigor, livrou-se do problema da morte sem sofrer nenhuma perda, pelo contrário. Pergunto-lhe se finalmente desvendou o mistério da morte, isto é, da vida pós-morte. Responde que sim, e que na verdade não se morre*".

(Corte rápido. Todas as filhas de Lattes falavam do pai como se ele estivesse ali. Não havia afetação nos depoimentos. Antes, gratidão. Maria Cristina Lattes Vezzani destacou que a homenagem celebrou a vida num lugar que viu nascer, "brotado de um canavial". "Meu pai está vivo ao ter sua memória perpetuada da melhor maneira possível. A homenagem foi muito delicada, de um carinho muito grande. Foi uma troca de gentileza fantástica". Para Maria Lúcia Lattes Romeiro, seu pai "voltou para o lugar que era dele", com a vantagem adicional de estar descansando em seu habitat. "A biblioteca era o seu lugar preferido. A nossa idéia de doar o acervo foi muito boa, e o que a Unicamp fez com nossa idéia foi muito mais do que a gente podia esperar").

Falaram ainda na cerimônia: o bibliotecário Luiz Atílio Vicentini, coordenador do Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU); o professor Édison Shibuya, do Instituto de Física Gleb Wathagin (IFGW), que destacou a brasilidade de Lattes, de quem era muito amigo; e Alfedo Marques, físico e pesquisador do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (*leia matéria na página 5*). Neire Rossio Martins entregou a Maria Carolina CDs com imagens de Lattes. O vice-reitor da Unicamp, professor Fernando Costa, também estava na mesa de abertura.

Um dos pontos mais emocionantes da cerimônia foi a execução de três das músicas preferidas de Lattes. Um quinteto de cordas formado por três alunos e dois professores (três violinos, viola e violoncelo), tocou Primavera, o primeiro movimento de As Quatro Estações (Vivaldi), Carinhoso (Pixinguinha) e Quem sabe (Carlos Gomes). A última, uma modinha, foi interpretada por Elisabeth Almeida, aluna de pós-graduação do Departamento de Música do Instituto de Artes. Sua atuação comoveu a platéia. "Cesar Lattes foi um brasileiro autêntico. 'Quem sabe' não só representa uma época, como também a música brasileira. Quem a ouve, sempre tem uma lembrança boa. Foi uma honra poder cantar numa homenagem tão especial" revelou Elisabeth, uma baiana que deixou Salvador para graduar-se na Unicamp.

Maria Carolina no telão: homenagem muito além do que a família esperava

No 3º andar – Depois do descerramento das placas na parte externa e no interior da Biblioteca Central Cesar Lattes, os convidados dirigiram-se ao terceiro andar, onde estavam os pertences e os livros do cientista. Nas escadarias, a primeira surpresa. Em cada parede a separar os lances de um andar do outro, grandes painéis de fotos de Lattes despertavam a atenção de quem subia e revelavam o zelo com a memória histórica.

A outra memória, a afetiva, tomou o ambiente onde o homenageado passou os últimos 20 anos. Os netos, as filhas e os amigos mais íntimos de Lattes ficaram impressionados com a reconstituição do gabinete de trabalho do cientista. A neta Maria Fernanda Lattes reencontrou um pequeno pedaço de madeira pirografado com dizeres escritos por ela e dedicados ao avô. Outros netos vasculhavam os livros da infância.

Mara Leodoro Silva, que trabalhou 10 anos na casa do físico, viu de novo o jacaré empalhado que ficava ao lado da mesa de trabalho do expatrão. Segurando o bicho, puxou pela memória e contou aos presentes que numa ocasião, ao levar uma das netas de Lattes à escola, entrou num ônibus com o animal a tiracolo, para espanto dos passageiros e do motorista. O professor Édison Shibuya, um dos mais fiéis companheiros de Lattes, deu risada ao ver uma reportagem sobre a descoberta das "bolas de fogo" publicada pela revista "O Cruzeiro", cujo exemplar estava na sessão de documentos. O docente contou mais uma história a integrar o anedotário sobre seu amigo. Ao ser indagado pelo interlocutor sobre onde guardava as bolas de fogo, Lattes não titubeou. "Não posso falar. Elas estão trancadas a sete chaves, num cofre...".

A ansiedade inicial de Maria Teresa Lattes Borsato havia migrado para outros territórios. "Papai deve estar gostando muito. Ele ficava contente quando a homenagem era sincera, além de ter sempre compartilhado o que a ele pertencia. Tudo aqui ficou muito bonito. Agora já sei para onde vou quando precisar recarregar as baterias". Maria Teresa tem um sonho. "Quando for avô, vou poder trazer os meus netos aqui. Já pensou? ". Um sonho que tem tudo para ser real.

De Lattes para Lattes

A Biblioteca Central Cesar Lattes vai ganhar, no futuro, livros com dedicatórias feitas por... Cesar Lattes. A professora Carola Dobrigkeit Chinellato (foto), do Instituto de Física Gleb Wataghin (IFGW), será a autora da doação. A docente, que foi aluna e orientada de Lattes no início da década de 1970, revela que ganhou mais de um livro do seu mestre, que mais tarde tornaria também seu amigo.

Um livro em especial Carola guarda com muito carinho: trata-se de uma obra sobre Óptica que Lattes deu a ela e à colega Teresa de Camargo, as duas únicas mulheres que à época cursavam Física na Unicamp. Na dedicatória, Lattes escreveu: "Para Carola e Teresa dividirem irmanamente". Segundo a docente, Lattes "decidiu" que a parte de óptica defrativa era dela; já a que versava sobre óptica geométrica seria da colega. "Como o livro não podia ser rasgado, acabou ficando comigo", brinca. "Ele fazia questão de compartilhar os seus livros", lembra Carola. "Lattes gostava de tudo. Seus campos de interesse abrangiam literatura, história, filosofia, religião, entre outros assuntos. Quando um trecho chamava a sua atenção, ele sublinhava".

Situação curiosa é a do estudante Tomás Lattes Romeiro, aluno do último ano da Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM), e freqüentador da antiga Biblioteca Central, que agora passa a ter o nome do seu avô. "Quero só ver o que o pessoal da biblioteca vai falar quando checar o meu RA (Registro Acadêmico)", brincou.

Alfredo Marques conta como conheceu Lattes e construiu uma amizade de mais de meio século

O depoimento de um grande amigo

Maria Carolina assina termo de doação: perpetuando a memória afetiva

Mara Leodoro Silva e com o jacaré empalhado: pregando susto no ônbus

A neta Maria Fernanda: enfeita com declaração de amor ao avô

As filhas no escritório reconstituído: ansiedade por rever os pertences

Foto em família: "Meu pai voltou para o lugar dele", diz Maria Lúcia

O Departamento de Raios Cósmicos e Cronologia, do Instituto de Física Gleb Wataghin (IFGW), também deu a seu laboratório o nome de Cesar Lattes, seu criador. A homenagem ocorreu no mesmo dia da doação do acervo pessoal do cientista. Na cerimônia, falaram o chefe do Departamento, professor Anderson Campos Faith; o diretor do IFGW, professor Júlio César Hadler Neto; e o reitor da Unicamp, professor José Tadeu Jorge. O pesquisador e físico Alfredo Marques, um dos idealizadores do Departamento, ainda nos primórdios do Instituto de Física, esteve presente à homenagem. Um dos maiores amigos de Lattes, com quem conviveu por mais de 50 anos, Marques deu o seguinte depoimento ao Jornal da Unicamp.

Jornal da Unicamp – ***O que o senhor achou da homenagem prestada na manhã de hoje a Cesar Lattes?***

Alfredo Marques - Essa homenagem de hoje foi muito emocionante. Primeiro, porque foi muito bem feita. Respeitaram a figura dele em todos os aspectos. Ele sempre foi uma pessoa linear, direta, sem rebusques, despojada. E a festa foi isso. Despojada, mas com conteúdo. Isso era o próprio Lattes. Ele não fazia firula.

JU– *Como e quando o senhor o conheceu?*

Marques – Em 1952, quando eu ainda era aluno da Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro. Ele passou por lá com algumas das placas mais recentes do méson pi e as mostrou para os alunos e para o professor Costa Ribeiro, que era o diretor do departamento. Fiquei muito impressionado com a juventude dele. Ele era apenas uns cinco anos mais velho que eu e já tinha aquele nome todo... Aquilo realmente me causou um tremendo impacto. Fiquei comovido também com sua simplicidade.

JU – ***Por quê? Sua postura era muito diferente da adotada por outros professores?***

Marques – Os professores daquela época, embora fossem acessíveis, guardavam uma certa formalidade, uma certa reserva. Lattes não tinha nada disso. Aquilo ficou na minha cabeça durante um certo tempo. Até, que mais tarde, o presidente Dutra criou, para o Lattes, uma cadeira chamada Física Nuclear. Fui aluno do curso. Depois de 1955/56, quando ele foi para os Estados Unidos com a saúde um tanto abalada [depressão], me pediu para assumir a sua cadeira. Foi este o primeiro contato com ele, aliás um contato de extrema confiança porque ele me conheceu ligeiramente como pessoa, quando passou pela universidade, e depois como aluno. Mas, mesmo assim, me deu um crédito de confiança que, para mim, teve um valor muito grande. Ele gostou muito porque, antes de ir para a ciência, eu trabalhei no IBGE. E eu conhecia um pouco de estatística. E, na física experimental, a estatística é um instrumento de análise indispensável. Lattes percebeu que eu era o único cara, daquela turma toda, que sabia alguma coisa de estatística. E aí ele começou a me procurar mais. Lattes sabia exatamente o que cada um podia dar de melhor.

JU – ***Dá para dimensionar hoje o tamanho do desafio que foi assumir a sua cadeira?***

O professor Alfredo Marques: "Às vezes eu me pergunto: cadê o Lattes para eu conversar, cadê o meu interlocutor?"

Marques – Eu mesmo me cobrava. Levei muito a sério e procurei cumprir o compromisso à risca. Foi assim que nós juntamos as nossas vidas. Depois, trabalhei uns dois anos com placas e fui para a Inglaterra, onde fiquei uns três anos. Quando eu voltei, ele estava saindo do Rio para ir para a USP. Apesar de distantes, mantivemos um certo relacionamento. Mas o relacionamento mais contínuo, mesmo, só vim a ter depois que ele voltou para a USP, ocasião em que ele quis colocar a Colaboração Brasil-Japão em dia. Houve uma divisão de compromissos. Os japoneses davam as emulsões, que eram muito caras, a USP entrava com a revelação, mas faltava quem entrasse com o chumbo. Pressionado na USP, Lattes entrou em contato comigo. Eu chefiava um departamento no CBPF e, por meio de uma pessoa, obtive recursos para a compra do chumbo. Depois, quando assumi o posto de diretor científico, as coisas ficaram mais fáceis e consegui mais dinheiro.

JU – ***Como foi sua passagem pela Unicamp?***

Marques – Depois que terminou meu período de diretor, que foi de seis anos, o CBPF passou para o CNPq. Com essa mudança, muito radical, perguntei para o Lattes se não eu poderia passar uma temporada na Unicamp. Ele aceitou na hora. Permaneci na Unicamp de 1977 a 1983.

JU – ***E o que o senhor guarda desse período?***

Marques - A convivência foi a mais agradável possível. Minha mulher tem muita saudade dessa época. Foram alguns dos melhores anos da minha vida. Não que eu não tivesse brigado com o Lattes. Tivemos vários desentendimentos... mas acho que é isso o que torna as pessoas humanas. Não é você concordar com tudo, não é você obedecer cegamente. Havia divergência e muito respeito. Tanto que havia uma ligação muito grande entre nós. Passamos por cima de todas as desavenças. Não é importante que você sempre acerte ou erre, mas sim que, no erro e no acerto, as pessoas se respeitem. Se elas fizerem isso, elas se tornam mais humanas, mais solidárias, amigas. Em suma, foi o que aconteceu conosco.

JU – ***O senhor é tido como excelente violonista. Como começou o seu envolvimento com a música?***

Marques – Na verdade, antes de vir para a Física, eu cheguei a tocar no rádio lá no Rio de Janeiro. Mas meu pai não queria saber daquilo, dizia que era coisa de cachaceiro. Na verdade, não era. Tinha cachaceiro, mas esses não duravam três meses. Os caras que duravam não bebiam nem fumavam. Mas ele tinha uma certa razão, o meio era um pouco complicado e eu estava no colégio. Larguei o violão e só fui retomar os estudos com o instrumento em Caracas, onde passei dois anos. Lá conheci um chileno que era um excelente violonista. A partir daí comecei a ler partituras etc. Adoro música. É um hobby essencial para mim.

JU – ***Como eram as tertúlias na casa de lattes?***

Marques – A senhora do Lattes, a dona Martha, gostava muito de cantar. Então eu pegava o violão e ia lá para casa deles. O Lattes era festivo, gostava de receber os amigos. Lattes dizia que ciência sem cultura, sem consciência, passa a ser um mal. O que ele quis dizer é que ciência sem conhecimento, no bom estilo da palavra, sem os mecanismos de avaliação, é desprezível, um perigo. Para ter consciência, é preciso ter cultura. E cultura envolve essas digressões da alma. O espírito é livre. Naturalmente tem aquela área onde você se sente mais à vontade, que nos dá um prazer maior.

JU – ***Isso o aproximou do Lattes?***

Marques – Não só me aproximou como fez com que minha admiração por ele aumentasse. Lattes era extremamente culto. Para a média de pessoas cultas que conheci no Brasil, ele era disparado um dos mais letrados.

JU – ***Como era o seu gosto musical?***

Marques – Um pouco ingênuo. Mas ele gostava muito de filosofia, literatura, de religião. Sabia tudo. Seus discursos eram permeados de citações do Velho Testamento. Era incrível. Nunca consegui ver ninguém que chegasse perto do que Lattes fazia. Quanto à música, ele vivia me perguntando sobre alguns compositores, sobretudo italianos. Ele queria entrar um pouco mais no movimento musical mais moderno.

JU – ***E entrava?***

Marques – Ele era uma pessoa clássica. Queria incursionar no moderno, na vanguarda, mas ele não gostava.

JU – ***E o senhor?***

Marques – Eu gosto. Só me perdi um pouco quando começou o desfazimento da partitura musical, a perda da tonalidade. Em algumas coisas, eu gosto. Marlos Nobre, por exemplo, é muito bom. Sua música ativa o meu senso estético. É um pouco, enfim, da sensibilidade inata que eu tenho. Não consigo atingir com a cabeça, mas sim com o coração. Isso é verdade com Marlos Nobre, mas não para a maioria dos compositores do gênero, e sobretudo para a música pop, que eu acho um desastre.

JU – ***E a música popular brasileira?***

Marques – Gosto muito, cresci no meio. Com esse chileno que conheci em Caracas, peguei muito a música clássica, sobretudo os espanhóis. Mas eram aqueles espanhóis "romanticões" que exploram ao máximo a técnica da guitarra. Então eu fui para a base da técnica, não da musicalidade. Confesso que fiquei meio perdido. Música não é apenas técnica. E, depois, não era mesmo o meu meio. Meu negócio era a Física. Fiquei então nos meus sambas, acompanhando as pessoas que cantavam. Mas, dentro disso, conheci caras muito bons, entre os quais o Jacob do Bandolim. Comecei a freqüentar os saraus do Jacob em Jacarepaguá. Foi uma época muito boa.

JU – ***Saindo das digressões da alma. O que o unia a Cesar Lattes no campo da ciência?***

Marques – Era o espírito analítico que ele tinha. Ele procurava desfolhar o episódio científico e ir até as últimas conseqüências, com uma argúcia experimental enorme. Lattes bolava experimentos, testava a natureza. Ele queria ir até a última resposta, sempre. Foi assim, por exemplo, na Colaboração Brasil-Japão. Eu já era melhor pensando nas coisas em bloco. Ele era melhor pensando nas coisas em detalhe. Mas, no fundo, a gente se completava.

JU – ***E a lacuna deixada por ele?***

Marques – Eu sinto a falta dele como sinto a falta de um parente. Às vezes eu pergunto: cadê o Lattes para eu conversar? Cadê o meu interlocutor? Eu não tenho mais... Antigamente, não tinha nem conversa; qualquer dúvida, qualquer questionamento, qualquer encruzilhada, conversava com o Lattes. Alguma saída eu tinha. Hoje, entretanto, as coisas mudaram. É como seu tivesse perdido um pai, uma pessoa a quem você recorre quando se sente fraco.

JU – ***Cesar Lattes costumava dizer que, antes de tudo, ele era um professor. Qual o peso da docência no conjunto de sua obra?***

Marques – No Dom Pedro II, fui aluno do Antenor Nascente, que foi um grande lingüista, do Aurélio Buarque de Hollanda, do José Oiticica. Quando olho para trás, vejo que tive excelentes professores. Este é um dos pontos levantado por Lattes. Ele sabia exatamente a importância que um bom professor podia ter na vida de qualquer um. Um bom professor muda uma vida.

JU – ***Que avaliação o senhor faz do sistema educacional?***

Marques – Está um nó. O mercado passou a dominar tudo. Essa história de que você prepara a pessoa para conseguir emprego é uma tragédia. Você prepara a pessoa para vida. A profissão chega no momento certo. O mercado acaba invadindo tudo, inclusive a universidade, o que também é um desastre. A universidade, nesse contexto, poderia ser a tábua de salvação. Entretanto, ela também pegou as rédeas do mercado. Hoje em dia, um membro do departamento é julgado pelo número de *papers* que ele faz. Se uma pessoa quiser pensar para mudar de ramo, ela é atropelada pelo outros.

JU – ***Onde isso pode desembocar?***

Marques – Não sei, não dá para prever. A nteve jo, caso as coisas continuem nesse ritmo, uma espécie de apodrecimento. A ciência vai perder o seu poder criativo, regenerativo. Muitos acadêmicos encontram hoje maneiras de contratar "bagrinhos" para trabalhar para ele, criando todo um sistema de exploração do trabalho que está ligado à exploração do próprio sistema econômico. Ele reproduz, na escala da ciência, o que o mercado dita para todo mundo. Isso acaba por afugentar os jovens interessados na pesquisa. Muitos acabam optando por seguir carreira em outras áreas.